



*A* MINHA VIDAS!  
UM CONTO

∫

Jorge Augusto

[WWW.JORGEAUGUSTO.EU](http://WWW.JORGEAUGUSTO.EU)

*acreditar em algo e não o viver é desonesto.*  
Gandhi

## ÍNDICE DE CAPÍTULOS

O ABALO .....	3
AS ÁGUAS FURTAS, O HAMSTER E A VIDAS .....	9
DESCER À REALIDADE, COM CHUVA NOS CANAIS .....	18
ANTÓNIO, O MEU (MAIS QUE) DONO .....	23
RÉPLICA?! .....	27
UMA VIDAS MUITO VIAJADA .....	30
A NOITE VARRE A CIDADE QUE CORRE PARA O RIO .....	36
O ELEVADOR DO “LIVRA... QUE É CARO” .....	41
MARGENS SEPARADAS .....	46
A CONVERSA QUE A MAREZIA LEVOU E UMA MÃE PINTADA A VAZIO .....	51
NUMA LISBOA FANTASMA COM UM ESTRANHO OU ESTRANHOS? .....	58
SAMARITANOS .....	66
FALSA MEMÓRIA (?) .....	72
B) – FINAL ALTERNATIVO .....	77

## O ABALO

*vai sacudir, vai abalar  
quando o meu amor passar*  
Banda Eva

12H00 – segunda-feira

Acordei sobressaltado, mas não me levantei. Deixei-me estar deitado com os olhos fechados. Estaria ainda a sonhar? Senti um peso, embora leve, a caminhar na minha cama. Depois, cócegas no queixo e no nariz: algo me estava a tocar ao de leve. A presença deixava-se agora passear na minha cama. Pareciam passos magestosos, mas inquietos. Ouvei um barulho. Era um miar. Abri os olhos, lentamente. Olhei vagorosamente à volta e lá estava a gata. Estava inquieta, não percebi porquê. Momentos depois, enquanto lhe fazia as festas do costume, ia jurar que a casa estava a tremer. Ainda estava estremunhado e “a dormir, concerteza”, pensei alto. Mas a gata, a Vidas, continuava inquieta. Não devia estar a sonhar. Também me inquietei. Depois de realmente acordado, fiquei assustado. O que é que estava a acontecer? Levantei-me subitamente e parecia enebriado. Cambaleei até a janela do quarto. Não estava bêbedo: a casa estava mesmo a mexer-se. Não só a casa, mas todo o prédio. Olhei para a rua. Não era só o prédio. Eram todos os prédios. Tudo se mexia. Não era muito forte, mas mexia tudo. Até os ânímos lá de casa. O tremor continuou mais uns segundos e parou.

Olhei para a Vidas e ela ofereceu-me aquele já meu conhecido, e só seu, ar de “eu não te disse?”.

Na casa de banho abri a torneira e passei a cara por água fria para acordar de vez. Olhei-me no espelho e já não tinha olheiras. A água corria para lavar de vez os sobressaltos daquela manhã. A barba continuava por fazer, continuaria a crescer e a água continuava a correr. “Tudo está calmo novamente, bichana”. Fechei a torneira e não tinha a água ainda parado de correr, começou tudo novamente a tremer. Era mais um abalo, com a mesma intensidade do anterior. Voltei ao quarto e conforme caminhava a intensidade aumentava. Embora gradual, era nítido que se tornara mais

forte. Liguei o televisor para ver se a SIC Notícias estava em cima do acontecimento. Bla, bla, bla, muitos assaltos, muita casa pia pra veia, atentados, etc mas desta vez tremores de terra em Lisboa, nada, nicles, népia. Que é como quem diz: *rien* – não se passa nada. Parecia um programa gravado na semana anterior.

Na realidade, porém, a realidade era outra. Passava-se tudo. Da janela assistia aos abanos. No meu prédio eu parecia estar sozinho: não havia gritos, barulho algum se ouvia. O abalo era só lá fora. Fiquei mais que consternado ou assustado, mas não entrei em pânico. Ali eu tremia, de nervos e com o sismo. Fazíamos sintonia. Lá fora, na rua, a sintonia era outra. Mais crua e nua. A rua foi-se desnudando, qual *streak tease* da natureza. O primeiro prédio, o da frente, muito degradado, é verdade, desmoronou-se. Nem queria acreditar. Eu assistia num misto de incredibilidade e espanto. De nada lhe valeu. Caiu. Mesmo ali ao pé. O

outro prédio do lado, caiu também. Este demorou mais tempo, era mais alto. As vigas raspavam as paredes, qual gato a arranhar o mais que podia para se manter em pé. O barulho, aqui dentro, não se ouvia. E lá foram caindo, um a um. Outro e mais outro, velhos e novos, arrançados ou degradados. À minha volta o caos. Não abri a janela. Não ouvia os gritos – devia havê-los. Porque é que eu não saía dali? Porque é que não ia para a rua? Aqui, é claro, não podia ficar. Seria um dos próximos a cair. Olhei para a gata. Parecia também não acreditar, estava assustada mas não agitada. Parecia habituada. Então pensei: se é instinto animal, por que é que ela não tenta fugir? Devíamos ficar ali? Fugir? “Será esta a última das nossas vidas?” Deixei-me ficar. Apesar dos abanos, eu sentia-me seguro naquela que seria uma estrutura frágil, afinal, se olhássemos em redor. E foram caindo. Caíram, caíram e notícias... nada. E continuaram a cair, quase com precisão, qual pássaro que mergulha e bica o peixe, sua presa. Quase em *slow motion*, mas ao mesmo tempo vertiginosamente rápido. A cidade desmoronava-se, literalmente, à minha volta. Nunca um sentimento meu se exteriorizara com tanta exactidão como até àquele momento.

*não há nenhuma árvore que o vento não tenha sacudido.*

Provérbio hindu

Mesma manhã – 8H45

Não me quis levantar. Faltavam ainda 15 minutos para as 9 mas já estava atrasado uma hora e meia.

E não me levantei.

E voltei a questionar-me sobre a o objectivo de ir trabalhar. “As contas só me subtraem o ordenado” – pensei. “Não, o ordenado subtrai-me muito mais a vida. Divide-a em pedaços que julgo importantes, dou-lhes a suposta “devida” importância, e nada mais interessa.

Não podia estar mais enganado. Pelo menos naquela manhã o quentinho do meu leito não somava importância alguma às minhas contas. E muito menos ao meu trabalho.

Felizmente a irmã do meu melhor amigo, o Gustavo, é médica e vai bastar o atestado para os convencer, pois o vírus já pegou a todos. Bom, menos a mim, efectivamente.

“Que bom divagar nos pensamentos sem ter de me levantar, desenroscar do meu ninho”, ia pensando, longe ia já a preocupação em me levantar, já nem sequer colocava a hipótese de o fazer.

A gata parecia ter notado alguma coisa estranha e ao fundo da cama desenroscava-se para desfilarem por mim acima até se enroscar novamente mesmo ao pé da minha cara. Nem sequer colocou ares de “então, não se trabalha hoje, heim!” nem nada. O seu olhar contido dizia “hum, estás armado em gato hoje, né? Ok, junta-te ao clube”.

Foi entre os ronronares de “sabe bem, não sabe” da Vidas e as minhas necessidades fisiológicas que me rendi às evidências: terás mesmo de te levantar. A tiritar lá vesti o roupão, arrastei-me até à casa-de-banho, passei as olheiras pelo espelho (que mau aspecto) e... que alívio.

A primeira higiene do dia passou sem sobressaltos. Pequeno almoço tomado, já o sol já alto e quem usufruía era a gata no alpendre como que a dizer (muito “como que diz” esta Vidas!) “acho que hoje não vai chover.”

E ainda bem... acho. Não é que não goste de sol, mas logo naquele dia, que resolvi fazer gazeta, logo naquele dia em que podia chover a cântaros, não ia chover!

Fiz gazeta. “Mas é só hoje!”, prometi com o olhar a Vidas, enquanto olhava, meio “Não me interessa” para mim. Era cedo ainda. E já que já ficaria em casa, voltaria para a ronha. A cama estava ainda quentinha e a esperar-me.

Pelo menos o dia, que se tornava soalheiro, aquecia o meu cantinho nas águas furtadas no alto da Graça.



**AS ÁGUAS FURTAS, O HAMSTER E A VIDAS .**

*um São José de azulejo  
mais o sol da primavera  
uma promessa de beijos  
dois braços à minha espera*  
Reinaldo Ferreira/Artur Fonseca

As águas furtaram-se num dia em que eu e a Vidas andávamos já quase desesperados à procura de um lugarzito para morar. Havia já dois meses que procurávamos casa. Um dia fui ver uma casita mesmo no centro da cidade. No meio de uma ruazita, afinal toda ela só escadaria bem bonita, o tal prédio. A senhora da agência tinha combinado comigo a uma certa hora, à porta do número 10 daquela rua. Cheguei. Como sempre, a horas. Chovia miudinho e acoitei-me no vão das escadas do prédio cuja porta da rua estava aberta. Tive então a oportunidade para coscuvilhar o estado dele. Era muito antigo, bocados da fachada quase a cair. Não havia luz nas escadas e as paredes interiores estavam todas escritas e em mau estado de conservação. Pediam uma pequena fortuna pelo pequeno (imagino eu) andar. Quando a senhora chegou, bastante atrasada “por causa da chuva”, disse ela, já eu estava convencido que por muitas obras que a casa tivesse tido por dentro, e embora mesmo no centro da metrópole, ali eu não queria morar. É caso para dizer que os olhos também comeram e não lhes agradou. Às vezes quem vê certas e más caras não se engana com o coração. E eu nem sequer estava disposto a ver o tal coração. Delicadamente informei a senhora que não estava interessado e iria continuar a minha busca.

Quando cheguei a casa nesse dia a Vidas parecia adivinhar: “ Pois, nada. Não te preocupes, é por causa do tempo. Amanhã estará um sol radiante e vais ver”.

Não foi no dia seguinte, mas uma ou duas semanas depois, num dia bastante soalheiro para um dia de outono. Tinha visto um anúncio modesto no jornal que diariamente leio e sublinhei-o. Antes, porém, da hora marcada, fui a casa da Dona



Edviges onde me havia esquecido de dois livros que decidira ir buscar. Ela deu-me também um saquinho onde metera uns bolinhos secos que tinha feito na véspera. Um coração que eu quase acreditei ser de manteiga, não fora a dose de vinagre que já tinha posto na receita da nossa relação. Uma pessoa a que podemos chamar de agri-doce. Pronto: está classificada e ficamos por aqui. E nós ficámos por ali. Destino seguinte: Graça. Apanhámos o 28 que pela rua do Poço dos Negros, seguiu cumpridor pelos carris subindo a Calçada do Combro com a dificuldade normal da idade avançada que carrega já nos ombros, mas sem se cansar. O Camões ficou para trás, sem o olho, é facto, mas muito à larga no seu pedestal. Ficou para trás também a baixa e com muitos altos e baixos – esta cidade é como a nossa vida – lá começámos a derradeira subida pela Sé, Miradouro de santa Luzia – que luzia, acrescente-se – até à paragem final na Graça. Sempre engracei com aquele local. Procurámos o número que a agência me tinha dado. “Cá está.”

Subimos ao último andar de um prédio, por sinal também antigo mas não degradado e até castiço. Eu decidira levar a Vidas comigo para que escolhesemos juntos. Seria também uma forma de mostrar ao dono da casa que eramos inseparáveis, deixando logo claro o tipo de relação que tínhamos um com o outro e excluir as propostas que deixavam os animais de estimação de lado.

O senhor que nos mostrou a casa, não se mostrou minimamente preocupado se a casa era para os dois ou só para um. “Pequeno, mas acolhedor.” disse. Nem precisava de dizer mais nada. Ali, naquele instante, depois de conhecer cada uma das poucas divisões da casa, deslumbrei-me ao olhar pelas pequenas janelas que

davam para o exterior. Os meus olhos besuntavam-se com a formosa claridade que emanava lá de fora e a cidade entrava pela pequena sala adentro. Que mais podíamos querer: umas águas furtadas assim são o desejo de qualquer solteiro com uma gata. A Vidas concordou comigo, com um miar discreto (não queríamos mostrar muita excitação pela descoberta). Ela própria, deitada no, já seu, parapeito, imaginava os seus passeios pelas telhas que se esguiam ordenadamente, sua passerela favorita. Bem diferente do parapeito anterior, sem direito a passeio de telha nem nada que se pareça.

Apenas uma rua enfadonha passava por baixo da sua ex-janela, que nem teve tempo de conhecer muito bem.

*há gente que fica na história  
da história da gente  
e outros de quem nem o nome  
lembramos ouvir  
Jorge Fernando*

A senhoria da casa onde morávamos anteriormente, a Dona Edviges, sismou que “Gatos siameses, ou de qualquer outra espécie, nesta casa, não pode ser. Desculpe lá sr. António... “. Vocês podem chamar-me apenas Tó, já são amigos. Ela, aparentemente, não era. Nem minha nem dos animais. Alegou uma alergia qualquer a pêlos de animais. Mas eu sabia perfeitamente que a sua sobrinha, de que tomava conta todos os dias quando saía da escola, tinha lá em casa um

hamster. Ela morava no 1º andar, mesmo por baixo de nós. A minha opinião é que ela teria medo que um dia, distraidamente, o rato... bom, o “hamster anão da Rússia” como ela tão pomposamente gostava de lhe chamar, fugisse para dentro da barriguita da minha Vidas... como se ela alguma vez olhásse para um animal como sua presa.

A Dona Edviges era uma senhora quase viúva. Só faltava mesmo o senhor seu esposo falecer, o que não havia meio de acontecer, vivendo o estimado senhor, já com uma certa idade, sempre entre lá e cá. Estava sempre a acontecer-lhe alguma e as vizinhas da Rua de São Marçal tratavam já a amiga Edviges como se ela fosse de facto uma viúva. Facto, facto é que da última vez fora “só” atropelado por um carro, que lhe partiu uma perna. Tivera de ser operado e tudo. Quando recuperou teve de andar de muletas, mas já quase não saía da cama.

Ela é que tinha muita genica. Uma senhora tão vivida, tinha já criado, para além dos três filhos, duas netas gémeas e tomou conta das crianças do 4º andar do prédio da frente, filhos de um casal que a tinha, a ela e ao marido, em muita estima. Quando estes saíam da escola, era lá que encontravam refúgio... e belos lanches antes da hora dos desenhos animados. Hoje já granditos, morando mais longe, nem se lembram já da senhora. E ela vai tomando sempre conta de mais algumas crianças, que as há sempre a nascer e a precisar de crescer. Actualmente toma conta da menina do hamster, a Luisa, filha de uns vizinhos do 3º no mesmo prédio, que trabalham até tarde e que confiam a guarda dela até à hora de chegarem. “É que o ATL é só até às 5 da tarde...”, justificavam-se os senhores,

como se fosse preciso justificar a alegria que as crianças trazem à vida da Dona Edviges. A Luisa, afinal, é tão sua querida, quase neta e por isso lhe chama tia. Ganhou ela ali mais uma sobrinha adoptiva. Daí que até o próprio hamster da menina Luisa seja mais importante do que o próprio Sr. António, eu mesmo, e o seu novo animal de estimação.

*quem me dera ser o mar  
para a embalar e adormecê-la*  
Dulce Pontes

A Vidas terá sido algo mais que apenas um novo bicho de estimação na minha vida. Terá sido, talvez, um sinal de mudança. Quando andava à procura de emprego, andava muito em baixo. Descaído, flácido quase. Quando surgia uma entrevista, fosse para que cargo fosse, eu arrebitava e pensava: “É desta!”. Mas não foi desta, nem daquela, nem da outra. Eu sou professor de português, embora não leccione. E gosto muito de cinema e teatro. Por isso mesmo fiquei muito empolgado quando uma das principais companhias de teatro de Lisboa colocou um anúncio a pedir jovens para ajudante técnico de cena. O palco era sem dúvida uma paixão já antiga desde novo. Fizera muitas produções anteriormente, tendo baseado a minha tese em técnicas de falar em público dirigido a actores. Seria, por isso, uma excelente oportunidade para realmente conhecer o lado de lá daquela arte, e quem sabe, ajudar os próprios actores. No dia da entrevista, lá estava eu, mais uma vez, pontual. Dois rapazes novos aguardavam também a sua vez. À vez, foram entrando. O entrevistador, um conhecido actor que naquele dia

representava um papel diferente na sua carreira, fazia o obséquio de vir ao *hall* de entrada buscar o próximo entrevistado. As entrevistas prosseguiam a um ritmo bastante fluente numa sala de *regie* do próprio teatro. A porta de entrada para a sala principal de espectáculos estava aberta e podia ver-se o palco, quase escuro, sem vida, ao fundo. De fundo o barulho era o de um aspirador. Não se tratava de nenhuma cassette com músicas de ambientes estranhos. Era tão simplesmente a senhora da limpeza que aspirava por entre as cadeiras vazias, e que reinava agora, também ela quase sem público, no seu, momentaneamente, castelo.

Cá fora já se acumulara mais um, e outro e mais outro, jovens que iam chegando para a dita cuja. Mais corpulentos e jovens do que eu, adivinhei que fossem candidatos com mais probabilidades de serem escolhidos para a 2ª fase do que eu.

Estava próxima a minha vez. Entrou então um rapaz novito que aguardava cá fora com uma senhora. Quando o actor o chamou, ela pediu para ir com ele. Eu nem quis acreditar: ainda há mães que vão com os filhos às entrevistas de emprego?

Bom, a minha não foi comigo, mas não deverá ter sido por isso que não me chamaram. Voltei para casa nesse dia já desconfiado de que o não fariam, pois eu não devia nada à robustez física e os anos, implacáveis, não estavam a meu favor. Aliás, eu sentia-me como se os próprios astros estivessem contra mim. Por isso desejei desaparecer. Mas depois ganhei um pouco de amor próprio e reformulei o meu desejo: que o resto do mundo desapareça.

Eu só voltei a aparecer em casa. A porta do prédio estava aberta, para minha surpresa. A Dona Edviges costuma ser muito cautelosa. Entrei e fechei a porta. Na entrada estava um pequeno pano, parecia um bocado de um cobertor rasgado. Peguei nele, meio amachucado: “pode ser um pedaço de tecido de uma das bonecas da Luisa.”, pensei. Ao começar a subir as escadas ouvi um pequeno chiar. Era o barulho de um animal, pequeno, imaginei eu, imaginando também já o meu receio em ser uma ratazana, ou coisa parecida. Vinha do cimo das escadas. Quando cheguei ao 1º andar bati à porta. Como era quase hora de almoço, a Dona Edviges devia andar ainda na rua nas suas compritas. “Dou-lho logo.” Lá estava, novamente, o chiar. Até ao 2º andar não vi nada e abri a porta de casa. Entrei. O barulho não vinha lá de dentro. Voltei a abrir a porta e olhei, primeiro para baixo e depois para cima. Nada vi. O pequeno chiar continuava. Vinha do cimo das escadas, talvez do 3º e último andar. Tornei a olhar para cima e intrigado comecei a subir as escadas. O chiar parecia-se, agora, mais com um miar quase irritante. Eu quase irritado ao chegar ao cimo das escadas vi que se tratava de um pequeno gato. Muito novinho, mas não já bebé. Baixei-me para o acariciar. Comecei a falar com ele e o miar, que entretanto se tinha intensificado, talvez por se ter apercebido de que não estava sozinho, começou a diminuir. Com as minhas carícias, deixou mesmo de miar. Quando abri o pequeno trapo de cobertor para envolver o gatinho, caiu um pequeno papel do seu interior. Depois de aconchegar o bichinho, apanhei o papel. Meio amachucado e com uma letra de máquina pequenina e bem feita dizia: “ESTA É UMA GATINHA ESPECIAL. EMBORA NOVINHA JÁ PASSOU POR MUITAS TROPELIAS E ALGUMAS MALDADES. JÁ GASTOU 8 DAS SUAS NOVE VIDAS,



POR ISSO PRECISA QUE TOMES CONTA DA SUA ÚLTIMA. EU NÃO A POSSO GUARDAR MAIS TEMPO, O MEU PAI NÃO DEIXA. FELICIDADES”.

Era de uma criança, sem dúvida. A sensibilidade emanava das suas palavras e eu senti-me rejuvenescer. Melhor: renascer. A minha nova missão seria tomar conta daquela (última?) pequena vida. Seria, a partir daquele dia, a minha pequena Vidas.

## DESCER À REALIDADE, COM CHUVA NOS CANAIS

*uma palavra de verdade  
vale mais que o mundo inteiro.*  
Aleksander Solzenytsin

Toda a cidade havia sido derrubada. Toda menos o nosso prédio. Estaríamos sozinhos, pois não se ouvia nada, nem com as janelas abertas. Um vento forte, porém, assolou a casa. Como se fosse um efeito retardado do cair dos edifícios. Tentei fechar a janela da sala mas não consegui. As poucas folhas e o jornal do dia anterior que estavam em cima da mesa voaram e desaparecerem lá fora. “as notícias também não estão actualizadas”, pensei. Por isso deixei-as voar. O vento parou subitamente. Ficou o sol, eu e a Vidas. E o prédio onde morávamos. Não podia ser milagre. Tinha de haver uma explicação lógica, mas não ia tentar procurá-la agora. Na televisão, apenas chuva. A antena devia ter ido ao ar. Olhei lá para fora. Escombros apenas, lá em baixo e a toda a volta, até não mais os meus olhos conseguirem alcançar. Olhei para baixo e senti uma estranha vertigem. O 4º andar parecia muito mais alto. Teria a terra abatido? Eu estava nitidamente abatido e não conseguia entender. Estava inerte. Completamente. Os meus pensamentos desejavam sair dali, para me acalmar, mas sem sucesso. Tinha de acalmar o meu coração. Se não morri com o abalo, não seria com os efeitos secundários: “que ridículo”.

Decidi pegar na Vidas. Sempre me sossegou o seu ronronar. Dei alguns passos até à porta de entrada e sustive a respiração: não sabia se as escadas lá estavam. Não tinha ouvido nada de estranho dentro do prédio, nem nos andares abaixo, mas, quem saberia? Abri, quase corajosamente a porta e tudo estava intocável e silencioso. Resolvi então descer até à rua. Degrau a degrau a minha ansia ia aumentando cada vez mais. Com a gata no colo, como que a fazer de escudo para o que viesse lá, fui descendo lentamente. Chegámos, enfim. O que nos esperava, já quase adivinhávamos. Abri a porta e... desolação. Não estava, mesmo, preparado para aquilo. O passeio lá estava, e a estrada de alcatrão também, embora agora coberta por uma camada de pó meio branco, meio cinza, meio creme... não me ocorre uma cor exacta. Nunca tal houvera visto. Ou sentido, cheirado, ouvido. Dentro de mim, o vazio apoderava-se enquanto caminhava pelas ruas. O ruído estrondoso do silêncio à minha volta dava-me a volta ao estômago. Não parei. As ruas estavam no mesmo sítio, caminhei por elas, embora pudesse também passar por cima dos destroços. A terra onde se encontravam as anteriores edificações havia abatido bastante, por isso estavam quase ao mesmo nível da estrada.

Dei a volta por vários quarteirões. Acelerei o passo. E mais depressa. Mais rápido ainda. As escolas, o edifício da polícia, o supermercado, até a própria biblioteca, um edifício antigo mas em bom estado de conservação... haviam sumido! Corri. Procurei. Onde é que estão as pessoas? Os gritos, o pânico? O pânico aumentava dentro de mim. Deu-me uma dor na barriga, misto de nervos e fome. Tinha de ir comer qualquer coisa. Há muito que tinha passado a hora de

almoço. Ao voltar a casa comecei a divagar comigo mesmo, deixando de vez em quando escapar algumas palavras que a Vidas ia ouvindo, quase sem dar por isso, distraída que estava com uma nova tragédia na sua vida. “Onde é que estão as pessoas?”, onde?, “estariam todas dentro dos prédios? Provavelmente. A vida urbana corria habitual na altura. Quantos não estariam na sua vidinha aborrecida de trabalho, ou senhor doutor muito seguro do seu cargo que segura com unhas e dentes, o casal de namorados, quantos casais e não casais que passeavam nos jardins. Onde é que estão os jardins, os museus? Tanta arte e tanto betão! Que desperdício! Onde estão os velhinhos que passam tempo à espera que o tempo passe e os jovens que julgam não ter tempo para esperar que o tempo lhes satisfaça os desejos? Onde é que estão os pasteleiros, mecânicos, enfermeiros, bailarinas e prisioneiros? Os centros comerciais que deviam estar apinhados... E os que estavam aninhados, com esperança que aquilo passásse? Os políticos não fazem falta mas... onde é que estão os actores, os bons e os maus e... por falar nisso: Onde é que estão as telenovelas? E jogadores de futebol e o relvado... ah, é verdade, e os estádios? Sim, tanto estádio novo... que mal empregados. E os desempregados? Os que tentavam fazer de tudo e os que tentavam... fazer nada... e eu na cama!” Na cama. Apreguiçar leviana e assumidamente. Como podia ter sido poupado? Porquê? E teria mesmo sido poupado? Não me parecia ter sido escolhido para um propósito. Seria uma catástrofe? Nem sequer tinha visto alguém morto! As pessoas simplesmente tinham desaparecido. Como se isso fosse simples, só por si! Que tipo de desastre natural seria aquele? Não fora um meterorito, nem bomba, por mais que possa parecer um filme ou ataque suicida. Guerra, também

não. Quem guerreava eram os meus neurónios, desesperados por algo que fizesse mais sentido.

Cheguei à porta do prédio. Olhei para trás, dei uma olhadela à desolação, abri a porta e entrei. Pareceu-me deixar para trás um episódio digno de um sonho... mau.

*play on zap canal  
chuva na estrada greve no quintal  
Três Tristes Tigres*

Já em casa, obriguei-me a comer. A gata não foi preciso obrigar. O instinto de animal fê-la devorar a lata de comida. Que luxo: nem teve de caçar a lata... nem sequer abri-la. As mordomias estavam por minha conta. A minha “presa” parecia bem menos apetitosa que a dela. Não me apeteceu cozinhar, fiquei-me pela sandes de atum com Coca-Cola, bem longe do típico petisco português, mas cada vez mais uma iguaria que se vai aporuguesando. Sentei-me no sofá e olhei para a claridade. Só claridade. Já não se viam as telhas do prédio da frente, que sempre fora mais baixo que o nosso e nos permitia ter uma bela vista sobre a cidade. Nem sombras. Agora as vistas eram mais largas mas não tão vistosas. E o prédio da frente continuava mais baixo que o nosso. Naquele dia um pouco mais em baixo.

Dentada após dentada, golo atrás golo para empurrar o atum que fora obrigado a ser entalado no meio do pão, encostei-me no sofá. Pela primeira vez estava a conseguir relaxar. Com a Vidas já enrolada a meu lado, peguei no

comando e liguei a televisão. A RadioTelevisão, cada vez menos portuguesa, chuva. Nem dois, nem SIC, nem TVI. Os canais nem os generalistas, nem os temáticos portugueses. E nem, e nem, e nem. Nem um. Chuva. Chuva, chuva e mais chuva tinha inundado todos os canais, como se depois do terramoto, o dilúvio estivesse nos planos divinos. Fazia-me falta o entretenimento da caixa mágica. Estava a ressecar de informação do exterior, sem ser o exterior que se estava a exteriorar demasiado lá fora. Queria ficção. Queria gastar a vista com um ecrã que já achei inútil. Queria a inutilidade toda que passa no canal. Queria saber como se reproduz a preguiça, como caça o pássaro bico-de-tesoura, como seduz o pirilampo ou como acasalam os ácaros. Não me importava sequer de saber como evolui a ténia ou o Universo. Queria saber do espaço sideral, da via láctea e como dão o leite as vacas. Queria os filmes do Spielberg, nem me importava que fossem do Kubrick. Queria rir com o Woody Allen ou com o Buster Keaton, tanto faz. Até os concursos que dão pouco, muitos e muitos milhões ou os que não dão nada a ninguém e oferecem a fama. Queria as celebridades todas, as que são e também as que não são... e quem sabe as que virão. Queria a minha MTV ou qualquer clip que me iluda dos pés à cabeça com espectaculares efeitos especiais... mas não reais como os lá de fora. Queria qualquer outra coisa que não fosse este canal onde eu estava a ser protagonista de uma série de eventos que nunca vão passar na TV.

Cansado de tanta não-televisão, deixei as pálpebras fecharem-se sobre os meus olhos. Com o ronronar da Vidas a embalar-me, adormeci.

## AINDA NÃO ACABOU!

Quer ler este conto na íntegra?

Envie um e-mail para [info@jorgeaugusto.eu](mailto:info@jorgeaugusto.eu) e receba a palavra-chave que lhe dá acesso à versão integral.